

Aceitabilidade de aplicativo com material educativo para reflexões sobre morte, luto e legado digital

Acceptability of an application with educational material for reflections on death, mourning and digital legacy

Cássia Maria Nascimento de Lima¹, Daniele Trevisan², Cristiano Maciel³

¹Instituto de Ciências Humanas e Sociais - Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) Cuiabá - MT - Brasil

²Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC/MT) Cuiabá - MT - Brasil

³Instituto de Computação - Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) Cuiabá - MT - Brasil

cassia.nasc.lima@gmail.com, danielle.tr@hotmail.com,
cristiano.maciel@ufmt.br

Abstract. *Taboos related to death can and should be reduced to facilitate the grieving process and improve acceptance of human finitude. Therefore, this research aims to analyze the acceptability of users in relation to an application with educational material aimed at Education about death and elucidation about the need to reflect on the digital legacy in an increasingly connected world. Methodologically, the research is descriptive, with a qualitative and quantitative approach. The content analysis of the responses to the applied experiments demonstrates that there are still many taboos in talking about human finitude, exposes the lack of technologies and knowledge about digital legacy and the importance of developing educational practices in this theme.*

Keywords: *Mourning. Digital legacy. Self-instructional material. Application. Education for death.*

Resumo. *Os tabus relacionados à morte podem e devem ser reduzidos a fim de amenizar o processo de luto e aceitação da finitude humana. Dessa forma, a presente pesquisa apresenta como objetivo analisar a aceitabilidade dos usuários em relação a um aplicativo com material educativo voltado para a Educação sobre morte e elucidação acerca da necessidade de refletir sobre o legado digital em um mundo cada vez mais conectado. Metodologicamente, a pesquisa é descritiva, com abordagem qualitativa e quantitativa. A análise de conteúdo das respostas ao questionário aplicado demonstram que ainda há muitos tabus em conversar sobre a finitude humana, expõe a falta de tecnologias e conhecimento sobre legado digital e a importância de elaborar práticas educativas nessa temática.*

Palavras-chave: *Luto. Legado digital. Material autoinstrucional. Aplicativo. Educação para a morte.*

1. Introdução

A morte consiste em um tabu na sociedade ocidental [Rodrigues 2008], não sendo um tema normalmente discutido em instituições escolares ou outros espaços educacionais [Trevisan e Maciel 2023]. Leal (2023) ressalta que as instituições educacionais não devem se ausentar desse debate, pois tratar da Educação para morte é formar um sujeito para a vida de maneira integral. Da mesma forma, os enlutados que fazem parte da comunidade escolar precisam de apoio diante de perdas sofridas, para poderem passar pelo luto sem maiores complicações. Refletir sobre questões que remetem ao sofrimento decorrente de perdas mantém os seres humanos conscientes acerca da finitude humana e suas limitações, de modo a buscar o equilíbrio entre os aspectos antagônicos de vida e morte.

Sob essa ótica, o projeto Dados Além da Vida (DAVI) (DAVI, 2023) propõe a conscientização acerca de assuntos referentes à morte, luto e legado digital por meio de oficinas educativas em escolas, da análise de sistemas gerenciadores de legado digital e de produções computacionais voltadas para a desmistificação do tema. A escola tem um importante papel na vida dos usuários e, um deles, é apoiá-los no enfrentamento de temas da realidade. E, em tempos de cultura digital, a morte e suas extensões em diferentes aparatos tecnológicos podem ser instigantes estratégias didático-pedagógicas.

Por conseguinte, levando em consideração a integração cada vez maior entre humanos e tecnologias, é fundamental adaptar os estudos tanatológicos para questões relacionadas ao legado digital, conceituado por Trevisan, Maciel e Bim (2021) como "todas as informações constituídas por uma pessoa durante a sua vida no âmbito das mídias digitais, como perfis nas redes sociais e em instituições financeiras virtuais". Alguns sistemas, como as redes sociais, por exemplo, já possuem mecanismos para que usuários possam destinar suas contas após seu falecimento, todavia, para muitos, essa funcionalidade é desconhecida [Gat e Brubaker 2021]. Nesse sentido, questiona-se: há interesse por parte dos usuários em um aplicativo que permita conscientizar melhor as pessoas acerca da temática da morte?

Face ao exposto, o objetivo desta pesquisa é analisar a aceitabilidade de um aplicativo com material educativo, que permita a reflexões sobre morte, luto e legado digital, assim elucidando o tema em uma perspectiva que engloba a relação humano-tecnologia. Tais dados irão integrar uma série de estudos que estão sendo feitos com vistas à produção de materiais sobre a temática para serem usados em escolas com jovens do Ensino Médio, tendo o aplicativo como parte da estratégia didática, considerando a lacuna apontada por Oliveira e Borges (2019) em relação ao uso do *smartphone* para os processos de ensino e de aprendizagem. Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa é descritiva e será conduzida com uma abordagem qualitativa e quantitativa [Gil 2008]. Para coleta de dados foi utilizado como instrumento o questionário. Os dados produzidos foram compilados e analisados a partir da análise de conteúdo.

O artigo está dividido em: introdução, com os principais conceitos que dão embasamento teórico a este estudo. Depois são apresentadas a base teórica utilizada, depois as metodologias e, na sequência, os dados coletados e analisados. Por conseguinte, as discussões sobre os principais dados. Por fim, são apresentadas as considerações finais, bem como a indicação das referências consultadas.

2. Fundamentação teórica

Sabendo-se que a morte faz parte do ciclo natural da vida, autores como Kovács (2005) e Trevisan e Maciel (2021) propõem a inter-relação entre morte e educação para ser possível lidar de forma mais natural com este fenômeno. Conseqüentemente, para além das vivências individuais de cada sujeito, os aspectos religiosos, culturais, econômicos e midiáticos também influenciam fortemente na perspectiva sobre processos póstumos.

Para a Psicologia, por exemplo, os rituais pós-morte são formas encontradas para tratar o sofrimento psíquico, pois este pode danificar a saúde física e mental dos indivíduos, e também a vida social. Assim, Souza e Souza (2019) defendem que as mudanças importantes ao longo da vida devem ser pontuadas, e as práticas ritualísticas podem auxiliar no simbolismo dessas transformações e elaborar as perdas associadas.

Em relação aos estudos antropológicos - área que tem o homem e suas culturas como objetos de estudo -, notam-se percepções heterogêneas sobre as limitações humanas ao redor do mundo e de acordo com distintas organizações sociais. Em *História da Morte no Ocidente* (1974), por exemplo, Philippe Ariès aponta os desdobramentos do tema desde a Idade Média até a Contemporaneidade e é notável os papéis desempenhados pelos rituais de passagem e pela perspectiva religiosa do cristianismo que considera a vida após a morte e o Juízo Final como forma de conforto emocional para os enlutados.

Enquanto algumas civilizações ainda encaram a morte com muito sofrimento, outras culturas costumam lidar com a finitude de forma mais naturalizada e, em alguns casos, de maneira “insensível” se visto pelo ângulo moral ocidentalizado. Nesse sentido, Ruth Benedict em *Padrões de Cultura* (1934) demonstra tais diferenças culturais através do exemplo dos indígenas da região sul dos Grandes Lagos da América do Norte, em que quando ocorria a morte de uma criança, colocava-se outra criança similar em seu lugar da configuração familiar, sendo tratada com os mesmos privilégios que a falecida possuía. Dessa forma, a preocupação social não estava voltada para a perda do ente querido, mas sim para o restabelecimento do status anterior ao acontecido.

Ademais, por ser conhecida como a “mãe de todas as ciências”, a Filosofia estudou os aspectos relacionados à morte desde o seu surgimento até os dias atuais. Assim, estudiosos clássicos da Grécia Antiga, como Sócrates e Platão, já defendiam que não era necessário temer a morte. Como pupilo de Sócrates, Platão sintetizou e disseminou as razões de seu mestre para não temer a morte. Partindo de uma concepção metafísica, seus escritos colocavam a imortalidade da alma e a existência de outras realidades como motivos centrais para não temer a finitude humana. Percebe-se, portanto, que esse ponto de vista está presente de maneira intrínseca à visão ocidental da morte, pois se assemelha à eternidade prometida pelas religiões. No entanto, assim como existem os que creem na eternidade, também há personagens niilistas na Filosofia, vendo a morte como o fim de tudo.

O livro *As intermitências da morte* (2005) de José Saramago propõe que o leitor imagine as conseqüências na vida individual e coletiva caso as pessoas parem de morrer. Ao colocar a morte como uma personagem, o escritor consegue humanizá-la e demonstrar que é um processo necessário para a organização social. Logo, além de todos os aspectos éticos e emocionais relacionados à discussão sobre a finitude, é notável os impactos socioeconômicos envolvidos nos processos póstumos, desde os custos burocráticos do funeral até os custos jurídicos de inventários, entre outros assuntos que devem ser resolvidos ainda no momento do luto. Inclusive, muitos dos gastos feitos durante a vida, como remédios, procedimentos de saúde e planos funerários, também são referentes ao medo e instinto humano de utilizar o avanço

científico e tecnológico para adiá-la enquanto seja possível e estar preparado para quando falecer.

No que diz respeito aos avanços tecnológicos e midiáticos, é possível citar a espetacularização do luto como uma consequência da autoexposição nas redes sociais, em que todos os acontecimentos devem ser postados, debatidos e o "curtir" (*like*) é uma moeda de troca para formação de vínculos. Diversos autores, como Byung-Chul Han (2010) e Lembke (2021), já se atentaram sobre os desgastes mentais que as novas gerações estão sofrendo ao se verem pressionados para postarem frequentemente, interagirem e obterem o maior engajamento possível. Hoffmann e Oliveira (2015) apontam que o hipercapitalismo tem colocado a morte como um meio para atender os novos padrões de consumo, e uma das formas de capitalizá-la é através da espetacularização dos ritos fúnebres, nos quais se publica fotos no enterro, com roupas e maquiagens bem apresentadas até mesmo em um momento de luto. Toda essa interação com as mídias resulta em um distanciamento do real significado dos rituais póstumos, e as pessoas se deixam levar (consciente ou inconscientemente) pela “necessidade” de engajar suas postagens independentemente da situação. Ohman e Floridi [2017] discutem serviços de Sistemas Gerenciadores de Legado Digital no contexto comercial e cunham o termo *Digital Afterlife Industry* (DAI) para caracterizar serviços e produtos ofertados em decorrência da morte de um usuário *online*, a qual pode ser monetizada pela indústria. Os autores analisaram 72 sistemas sob a ótica dos serviços relacionados ao legado digital e os agruparam em quatro tipos: serviços de gerenciamento de informação; serviços de transmissão de mensagens póstumas; serviços de memorial *online*; e serviços de recriação da vida. Acredita-se que essa indústria de software possa também ser abastecida com softwares que tenham papel educativo sobre a temática.

3. Metodologia

O artigo é de cunho descritivo [Gil 2008], possuindo abordagem qualitativa e quantitativa utilizando-se dos métodos da pesquisa bibliográfica e do levantamento de campo. Em relação à pesquisa bibliográfica, foram consultadas produções científicas que abordam a relação entre reflexões sobre a morte, ambiente educacional e impactos tecnológicos no processo de luto e do legado digital. Além disso, foi realizado um levantamento de campo por meio de um questionário no *Google Forms*, que foi divulgado nas redes sociais do projeto e pelos autores para a comunidade interna da Universidade Federal de Mato Grosso e para o público externo, com intuito de levantar dados sobre a percepção sobre morte, luto e legado digital, bem como sobre a aceitabilidade de um aplicativo com fins educacionais para elucidação do tema em uma perspectiva que engloba a relação humano-tecnologia.

Para tanto, foram elaboradas 32 perguntas para o público em geral e mais 6 específicas para profissionais da Educação, Psicologia e Saúde, divididas em 6 seções, a saber:

1. Dados gerais, contendo perguntas básicas sobre idade, gênero, escolaridade e profissão;
2. Profissionais da Educação, Psicologia e Saúde, com questões relacionadas ao debate sobre morte e luto no ambiente de trabalho, e à necessidade e preparo para abordar o assunto;
3. Situações de Perdas e Luto, com perguntas sobre convivência com doença crônica e/ou estado terminal, qual o sentimento mais frequente ao pensar no tema, se teve alguma perda nos últimos dois anos e como o interrogado lida com o luto;

4. Educação sobre a morte, questionando o consumo de conteúdos de reflexão sobre morte e luto, se há preconceitos e tabus sobre o tema, e se o questionado acredita que práticas educativas podem auxiliar durante o luto;

5. Uso de Aplicativos, com questões sobre o uso do celular, a média de aplicativos instalados e suas áreas de interesse, assim como a aceitabilidade do aplicativo proposto por essa pesquisa; e

6. Legado digital, com questionamentos sobre o uso das redes sociais, o conhecimento dos usuários acerca do legado digital, sobre memoriais digitais e algumas preferências póstumas dos usuários.

Ressaltamos que este estudo possui aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Área das Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, e contém uma seção extra inicial para aceitação ou recusa do Consentimento Livre e Esclarecido (CLE) como obrigatoriedade para finalizar a pesquisa. O CLE e o questionário encontram-se disponíveis no site do projeto DAVI.

Como método utilizado para a organização e análise dos dados coletados foi escolhida a análise de conteúdo, que se caracteriza pela interpretação das mensagens dos participantes da pesquisa, sendo que tais mensagens podem ser verbais ou não verbais (Franco, 2018).

4. Resultados e discussões

O questionário *online*¹ disponibilizado pelo *Google Forms* foi divulgado nas redes sociais do projeto DAVI e dos autores da pesquisa durante o período de uma semana, tendo sido acessado por 143 usuários, sendo que 99,3% aceitaram o Consentimento Livre e Esclarecido (CLE) em uma seção extra inicial e, com isso, 142 pessoas foram conduzidas ao formulário e responderam às questões. Como citado anteriormente, foram elaboradas 32 perguntas (26 fechadas e 6 abertas) para todo o público, divididas entre 6 seções, sendo que uma delas contém 6 questões exclusivas para profissionais da Educação, Psicologia e Saúde. No fim do questionário, havia uma aba de agradecimento pela contribuição ao projeto e, caso houvesse dúvidas, o usuário poderia disponibilizar o e-mail para que fosse respondido.

A primeira seção é nomeada **Dados gerais**, contendo 5 perguntas sobre idade, gênero, grau de escolaridade completo, profissão e se é trabalhador da Educação, Psicologia ou Saúde. A idade média dos participantes é de aproximadamente 27 anos, sendo que a pessoa mais jovem tem 16 anos e a idade máxima alcançada foi de 64 anos.

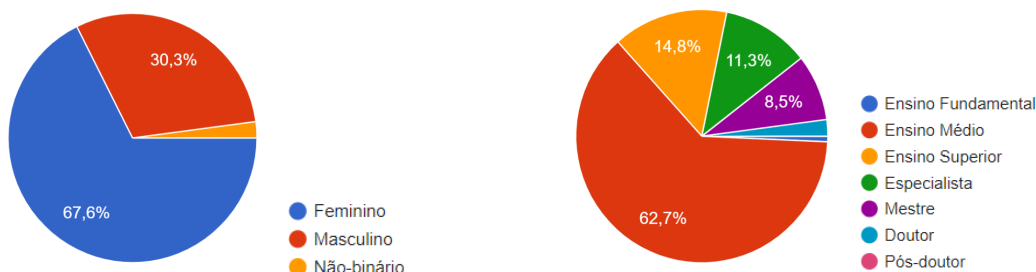


Figura 1. Sobre gênero e escolaridade

¹ <https://forms.gle/XgoV5ZNsvJxhz79k6>

Na questão aberta sobre profissão, apareceram 35 ocupações diferentes. Por fim, 31,7% alegaram que trabalham no setor educacional, psicológico ou da saúde. O perfil dos entrevistados revela um público jovem e diverso em formação e atuação profissional.

A segunda seção, **Profissionais da Educação, Psicologia ou Saúde**, exclusiva para os trabalhadores da área, recebeu 45 respostas.

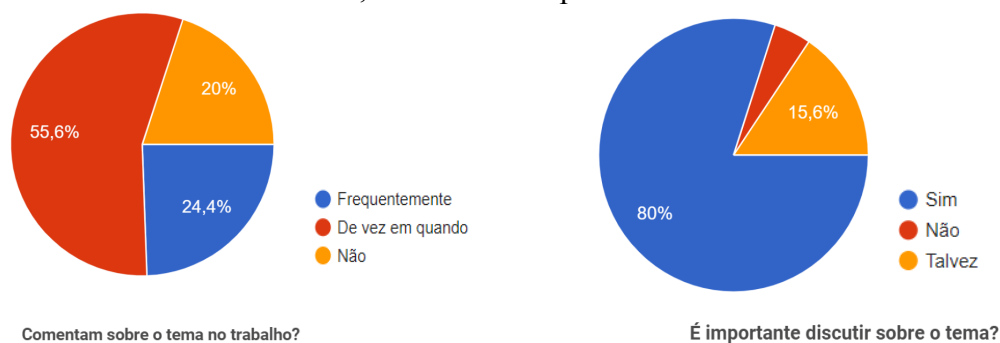


Figura 2. Sobre discussão do assunto no trabalho

O terceiro tópico, **Situações de Perdas e Luto**, voltado para todo o público novamente, continha 4 perguntas sobre convívio com doença crônica e/ou estado terminal, se teve perdas nos últimos dois anos, sentimento frequente ao refletir sobre o luto e como se sente ao lembrar de um ente querido que faleceu. Os sentimentos mais frequentes ao pensar na morte foram: medo, tristeza, angústia, vazio e melancolia. Algumas respostas demonstraram alívio e aceitação justificada com uma perspectiva religiosa de vida após a morte.

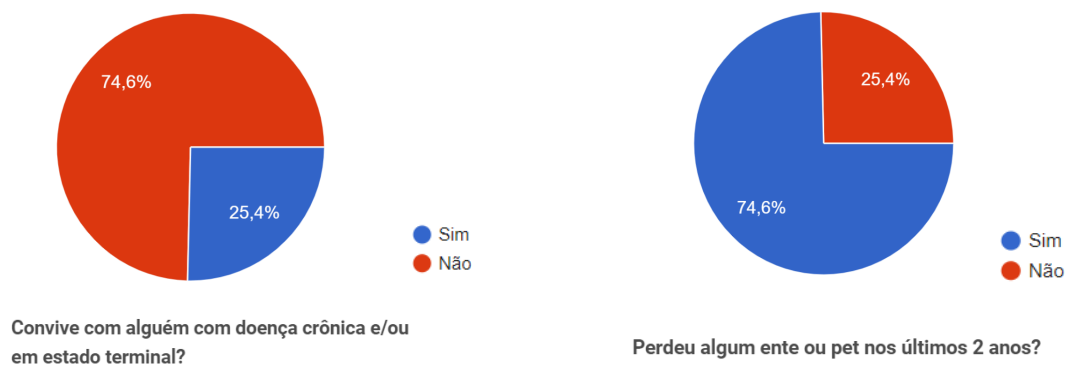


Figura 3. Dados relacionados aos cenários de perdas e luto

No quarto tópico **Educação sobre a morte**, há 7 perguntas sobre o que os usuários sabem e pensam de práticas educativas para a morte, assim como o papel de conteúdos *online* para lidar melhor com o luto.

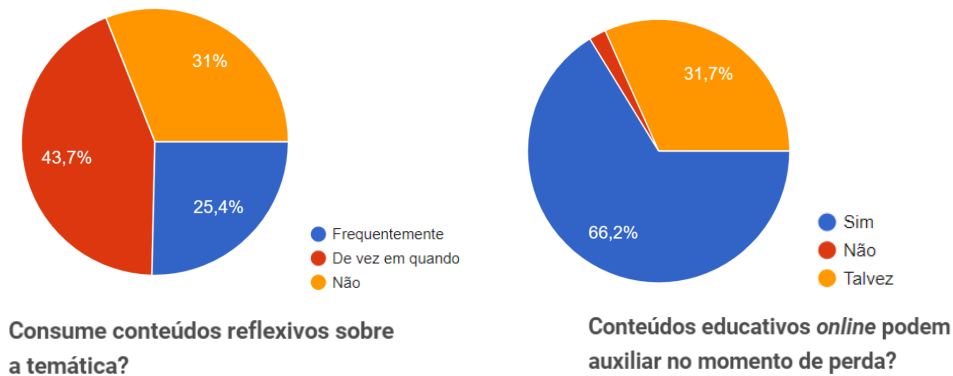


Figura 4. Consumo e interesse por conteúdos educativos sobre o tema

Também, foi perguntado se os participantes sentem desconforto ao falar sobre a morte e 57,7% marcaram que não. Na Figura 5, veja os dados coletados sobre a existência de tabus acerca da morte:

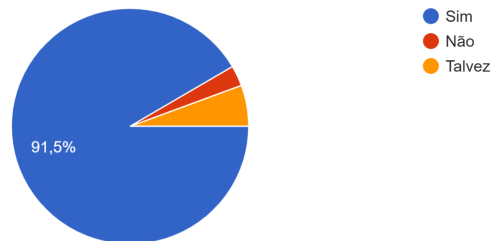


Figura 5. Resultados sobre a existência de tabus sobre a morte

Ademais, a quinta categoria **Uso de aplicativos** aborda o uso diário do celular; a média de aplicativos instalados e suas funções; a utilização de aplicativos voltados para a Educação; assim como a aceitabilidade de um aplicativo com material educativo autoinstrucional para reflexões sobre morte e luto e sugestões de conteúdos que os usuários gostariam de ver em um aplicativo nessa temática. Nesse sentido, 38,7% utilizam o celular entre 3 a 6 horas diárias e 42,6% possuem mais de 16 aplicativos instalados, nos quais a maioria são voltados à comunicação, entretenimento, educação e finanças. A figura 6 demonstra a aceitabilidade do aplicativo proposto neste artigo:

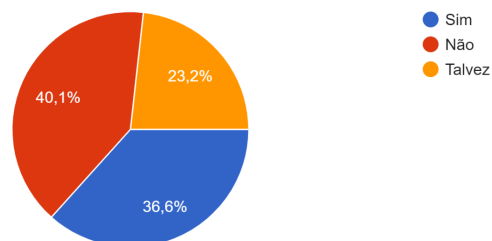


Figura 6. Aceitabilidade do aplicativo com reflexões sobre vulnerabilidade, morte e luto

Por fim, a última seção, nominada **Legado digital**, trata da utilização de redes sociais e o destino dos perfis após a morte. Todos os usuários marcaram que possuem redes sociais e, em relação ao destino destas, 47,5% indicam que nunca pensaram no futuro de seu legado digital. Ainda, 60,3% optaram pela transformação em memorial.

Uma vez que a integração do mundo virtual ao mundo físico tem sido cada vez maior, Ueda, Verhalen e Maciel (2019) analisaram que os perfis de pessoas falecidas

também podem ser utilizadas como memoriais digitais, assim possibilitando a criação de um ambiente de homenagens para as pessoas enlutadas que não podem ou não querem se locomover até o túmulo (memorial físico). Seguindo essa lógica, mais da metade dos usuários do nosso questionário optaram pela opção de transformar seu perfil em memorial digital após a sua morte. Para tanto, as empresas responsáveis pelas redes sociais deveriam melhorar e/ou propor soluções para abarcar a destinação do legado digital como uma possibilidade aos seus usuários.

Apesar dos impactos negativos da espetacularização excessiva na contemporaneidade, os perfis nas redes sociais também podem ser um espaço a ser usado de maneira respeitosa e educativa. No contexto da educação para a morte, por exemplo, a página do projeto DAVI no Instagram (@dadosalemdivida) disponibiliza reflexões sobre vida e morte, manifestações artísticas relacionadas à finitude humana, publicações da área, entre outras informações pertinentes. A seguir, a figura 7 apresenta as sugestões dos usuários para o material que será disponibilizado no aplicativo.

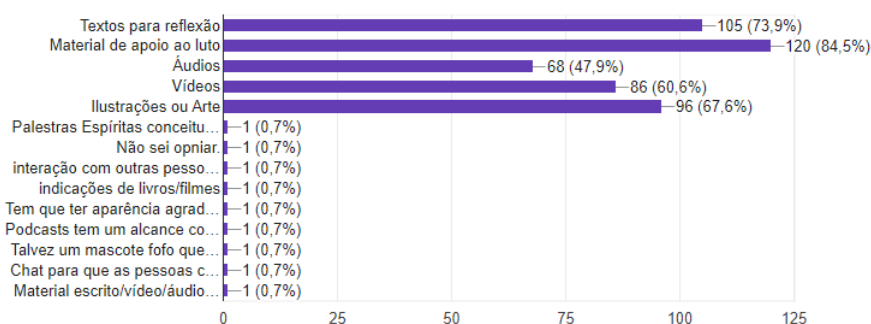


Figura 7. Sugestões de conteúdos para compor o material do aplicativo

Os 5 primeiros tópicos obtiveram boas aceitações. Vale citar que estas sugestões já estavam pré-definidas, sendo que mais de uma alternativa poderia ser marcada e havia uma opção para sugestões extras, sendo que alguns participantes sugeriram tópicos adicionais.

De forma geral, nota-se que o público da pesquisa foi diversificado em todas as perguntas para conhecer o perfil dos usuários e, dessa maneira, foi possível ter uma noção da percepção geral que as pessoas têm sobre a morte e o luto, independentemente do contexto que estão inseridos. Com base nos resultados, compreende-se que, assim como o problema de pesquisa propõe, realmente há preconceitos relacionados à morte e ainda faltam tecnologias que apontem o legado digital como uma possibilidade. Além disso, a aceitabilidade do aplicativo pode ser analisada como consequência da resistência que os participantes possuem em discutir o assunto. E isso apenas reforça a importância de produzir materiais sobre a temática e desmistificá-la.

5. Considerações finais

Ao analisar o conjunto de dados coletados e suas relações com a bibliografia teórica, temos algumas considerações pertinentes para a pesquisa. Primeiramente, é importante destacar que os sentimentos frequentemente associados à morte, como os coletados na aplicação do nosso questionário *online*, são comuns à maioria das pessoas porque, além da questão de como o mundo ocidental lida com a finitude, a morte do outro nos remete a nossa própria morte e ao destino desconhecido após o fim da vida [Souza e Souza 2019]. Ademais, a partir do viés antropológico [Ariès 1974], é possível compreender

porque algumas respostas abertas do nosso questionário ressaltam que acreditam em uma divindade e, por isso, não temem a finitude humana. Considerando também os estudos de Benedict (1934), e paralelamente às respostas da presente pesquisa, observa-se que o vazio relatado pelos participantes ao pensar em um ente que partiu não cogita e nem sequer permite a substituição relatada anteriormente, indo contra aspectos morais e sentimentais da nossa sociedade. Em um viés filosófico niilista, alguns resultados do formulário aplicado propõem que o ceticismo é uma maneira popular de lidar com a morte e o luto, houveram respostas como “O tabu de falar sobre a morte não a impede de acontecer. Falar sobre ela traz mais leveza ao processo todo que já é tão difícil, traz mais entendimento, até, sobre a única certeza que temos em vida e o que mais tememos falar.”.

No que tange ao material autoinstrucional que está sendo elaborado para compor o aplicativo, é possível afirmar que a análise dos dados coletados no questionário supradiscutido, bem como a construção e aplicação de oficinas educativas pelo projeto DAVI são basilares para identificar o conjunto de necessidades dos usuários no contexto das práticas educacionais para morte, luto e legado digital.

Para a construção das oficinas foram considerados aspectos éticos, empáticos, didáticos e lúdicos. A Base Nacional Comum Curricular (2017) foi um importante documento para elaboração do material, levando em consideração as habilidades socioemocionais que devem ser desenvolvidas no âmbito educacional e a necessidade de formar um cidadão de maneira integral. Também consideraram-se os estudos da psiquiatra Elizabeth Kubler-Ross, reconhecida mundialmente pela definição dos estágios do luto. Com o intuito de trazer ludicidade, exemplificação e fácil compreensão sobre o tema, foram utilizadas obras de arte disponíveis no levantamento de manifestações artísticas sobre morte do projeto DAVI, que contém mais de 100 obras, cada uma com alternativas de aplicação às oficinas. Por conseguinte, foram realizadas 17 oficinas educativas com jovens da rede pública de ensino do estado de Mato Grosso, de modo a estimulá-los para reflexões tanatológicas. Posteriormente, o teste dos conteúdos elaborados e a coleta das experiências com os estudantes possibilitaram adaptar os resultados para a construção de um material autoinstrucional que irá compor o aplicativo em tela na presente pesquisa.

Sob essa ótica, pretende-se que o aplicativo seja elaborado em uma plataforma gratuita de desenvolvimento e que seja disponibilizado gratuitamente no *Google Play* até o próximo ano. Dessa forma, espera-se atingir mais usuários para reflexões sobre morte, luto e legado digital em comparação com o alcance das oficinas já aplicadas, de modo a auxiliar na redução dos tabus acerca do assunto e estimular a produção de tecnologias voltadas para discussões tanatológicas no contexto socioeducacional e de interação humano-tecnologia.

Agradecimentos

Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (Fapemat) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio à pesquisa.

Referências

Ariès, P. (1974). “História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias”. Brasil: Editora Nova Fronteira.

- Benedict, R. (1934). "Patterns of Culture". Estados Unidos: Mariner Books Classic.
- DAVI. Dados Além da Vida. Disponível em: <https://lavi.ic.ufmt.br/davi/>. Acesso em: 20 de setembro de 2023.
- De Souza, C. P. and De Souza, A. M. (2019). "Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções". In *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 35. Brasília.
- Franco, M. L. P. B. (2018). "Análise de conteúdo". Campinas: Autores associados, 5ª edição.
- Gach, K. Z. and Brubaker, J. R. (2021). "Getting Your Facebook Affairs in Order: User Expectations in Post-mortem Profile Management". In *Proceedings of the ACM on Human-Computer Interaction*, v. 5, 1-29. Estados Unidos.
- Gil, A. C. (2008). Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Editora Atlas, 1ª edição.
- Hoffmann, M. L. and de Oliveira, M. (2015). "A espetacularização da morte: um estudo de caso do selfie no velório de Eduardo Campos". In *XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Rio de Janeiro.
- Ibge (2019). Pesquisa mostra que 82,7% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet. Ministério das Comunicações. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/abril/pesquisa-mostra-que-82-7-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet>. Acesso em: 28 de junho de 2023.
- Kovács, M. J. (2005). "Educação para a morte". São Paulo: Psicologia, Ciência e Profissão, n. 3, v. 25, 484-497.
- Leal, C. G. (2023). "Morte e educação: um estudo sobre a finitude humana na perspectiva da complexidade como instrumento para uma educação integral dos sujeitos". Caruaru: repositório da UFPE.
- Lembke, A. (2021). "Dopamine Nation". Estados Unidos: Editora Dutton, 1ª edição.
- Öhman, C. and Floridi, L. (2017). "The political economy of death in the age of information: a critical approach to the digital afterlife industry." In *Minds and Machines* 27.4, 639-662. Amsterdam.
- Oliveira, C. T and Borges, L. C. L. F. (2019). "A Importância do Uso dos Smartphones no Processo Ensino Aprendizagem: Discussão com Alunos do 5º Ano e Direção de Uma Escola da Rede Pública Estadual de Cuiabá -Mato Grosso". In *Anais da Escola Regional de Informática de Mato Grosso (ERI-MT)*, 109-111. Cuiabá: SBC.
- Rodrigues, J. C. (2008). "Tabu da morte". Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2ª edição.
- Saramago, J. (2005). "As intermitências da morte". Portugal: Porto Editora, 1ª edição.
- Trevisan, D. and Maciel, C. (2023). "Panorama de pesquisas sobre aspectos educativos da morte no contexto da educação básica a partir de uma Revisão Sistemática de

Literatura.” In *Revista M. Estudos Sobre a Morte, Os Mortos E O Morrer*, n. 15, v. 8. Rio de Janeiro.

Trevisan, D., Maciel C. and Bim, S. A. (2021). “Educação, morte e tecnologias - experiência no ensino de avaliação em IHC”. In *Anais Estendidos do XX Simpósio Brasileiro de Fatores Humanos em Sistemas Computacionais (IHC)*, 56-63. Porto Alegre: SBC.

Ueda, G., Verhalen, A. and Maciel, C. (2019). “Um Negócio de Dois Mundos: Aspectos da Morte no Mundo Físico Transpostos para Memoriais Digitais”. In *Anais do X Workshop sobre Aspectos da Interação Humano-Computador para a Web Social*, 41-50. Porto Alegre: SBC.